



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

PAVILHÃO DE EXPOSIÇÕES DO PARQUE DO ANHEMBI, SÃO
PAULO, SP, 10 DE OUTUBRO DE 2002.

Senhor Governador de São Paulo, Geraldo Alckmin; Senhores Ministros de Estado aqui presentes; Marta Suplicy, Prefeita de São Paulo; Doutor Ricardo Carvalho, Presidente da Anfavea; Doutor Paulo Butori, do Sindipeças; André Carioba, da Abeiva; Caio de Alcântara Machado; Maristela Kubitschek; Senhores Parlamentares; Presidentes de associações; Tão altas personalidades aqui presentes; Senhoras e Senhores,

O importante já foi dito. O importante é o percurso que foi alcançado, nesses anos todos pelo Brasil. O importante é a consolidação da nossa presença como um país que se industrializa, se moderniza e avança.

Não citarei nenhum número, já foram muitos os números aqui referidos. Cabe ao Presidente da República talvez agradecer e também celebrar.

Começo por celebrar, como já foi feito, a figura inspiradora de Juscelino. É para mim uma alegria poder estar aqui, uma vez mais, com a Maristela, com seus familiares, rememorando o grande brasileiro que foi Juscelino.

Ainda me recordo – e bastante bem, porque os anos me permitem – do que foi a saga da indústria automobilística no Brasil e as incompreensões. Na época de Juscelino, dizia-se que ele estava entregando o Brasil. Na época de Juscelino, a oposição era cerrada, porque “vinha capital estrangeiro que ia desnacionalizar o Brasil”. Hoje, estamos vendo que eram equívocos de percepção.

Hoje, estamos celebrando a visão do grande estadista, um inspirador que foi dessa modernização, um homem que compreendeu que, naquele momento, o mundo já estava mudando e era preciso que o Brasil acompanhasse esse mundo, tornando-se não apenas um país industrializado, mas um país mais competitivo. Hoje, colhemos os frutos do que foi semeado, naquela época, com tanta incompreensão.

Quero celebrar também o espírito pioneiro de alguém que porta um nome ilustre em São Paulo: Caio de Alcântara Machado, que, quando nós todos não víamos o significado dessas grandes convenções, dessas grandes festas da produção, foi capaz de perceber que o Brasil já era outro e que precisava de que houvesse uma abertura da sociedade, para a sociedade, que precisava de que houvesse uma espécie de *vernissage*, de apresentação do produto ao consumidor, e em vários setores. Foi sua obra, Caio, que permitiu que, hoje, todos pudéssemos comemorar, como disse o Governador Geraldo Alckmin, quando ainda criança, vir, de Pindamonhangaba, aqui, para verificar o que tinha sido feito por São Paulo.

Não quero deixar de mencionar o que houve com nossos trabalhadores, a mudança que ocorreu no setor profissional e no setor sindical da indústria automobilística. Uma mudança muito profunda, muito importante, que mostrou, primeiro, que os nossos trabalhadores têm a capacidade de se qualificar, que sabem reivindicar, que têm a cabeça erguida, que se organizam, mas que são democráticos e sabem também os limites de uma negociação, sabem também que é preciso fazer um esforço máximo para obter o melhor – e o melhor é mais salário e melhores condições de trabalho –, mas que não se podem matar as galinhas de ovos de ouro, não se podem levar as empresas a uma situação de sufoco. Eles sabem o momento de parar. Aprenderam com a

vida, com a democracia, a negociar. Isso aqui é fruto também da ação dos operários, dos sindicatos, dos trabalhadores.

Quero celebrar que esta indústria se complementa. Ela não é apenas a indústria que monta o automóvel, são as autopeças. E, aí, a luta foi dura, continua sendo dura e é preciso que haja compreensão de que há uma complementaridade entre a montadora e a fábrica de autopeças. E o Governo tem que olhar para os dois lados.

Não quero me esquecer dos distribuidores, que foram uma teia imensa neste Brasil. Quem não conhece a realidade do Brasil não sabe o que significa essa imensa teia de distribuição de automóveis, de oficinas mecânicas de reparo, de manutenção. Não é apenas a fábrica, é a continuidade de tudo isso pelo País afora.

Quero celebrar também o fato de que foi possível, graças a instituições democráticas, criar um diálogo permanente entre o Governo e a empresa, sem o qual nada avança. E foi possível evitar os fundamentalismos que dizem: “Tudo é mercado” ou, ao contrário, “Tudo é Estado”. Nem tudo é mercado e nem tudo é Estado. É preciso que haja uma relação entre a administração e a empresa, uma negociação. É preciso que haja um apoio. O Ministro Sérgio Amaral ressaltou o do BNDES. Quando o BNDES começou a dar recursos a empresas estrangeiras, as mesmas incompreensões que ecoaram no tempo de Juscelino voltaram a ecoar, porque não compreenderam que, ao se dar apoio a alguma empresa estrangeira, está-se também dando apoio, na cadeia de produção, a muitas empresas nacionais e que é preciso haver a combinação disso. É preciso, portanto, entender essa plasticidade do mundo contemporâneo.

Quero celebrar, também, o fato de que foi possível fazer no Brasil o que creio que é indispensável: a descentralização produtiva. São Paulo continua a ser – e o Governador o disse, e o disse com justo orgulho, e a Prefeita também, com satisfação – o local principal da nossa indústria automobilística, mas não é mais o único. Quando assumi o Governo, ela se concentrava muito em São Paulo e um pouquinho em Minas. Hoje, está espalhada por sete estados. Esses investimentos das montadoras significam investimentos também numa série de outras empre-

sas, em vários estados do Brasil. Elas se espalharam: chegaram à Bahia, foram para o Rio Grande do Sul, passaram por Goiás, Rio de Janeiro. Aumentaram em São Paulo, aumentaram em Minas, estão no Paraná. Estão por todos os lados deste Brasil, mostrando que existe, realmente, uma complementaridade necessária. E assim como é necessário aumentar os salários e melhorar a distribuição de renda, é necessária, também, uma equalização regional para que as fontes de riqueza possam ser aproveitadas por todos os brasileiros. E esse processo está em marcha.

Quero celebrar também que, graças aos esforços de vocês, os produtores, graças ao Governo, que atuou, nós hoje estamos já pensando e dizendo que a nossa indústria automobilística constitui uma plataforma de exportação.

Quando dei posse ao Ministro Sérgio Amaral, usei uma frase que alguns disseram que era retórica: "Exportar ou morrer". Hoje, estamos exportando. E os que não perceberam ainda, no futuro vão perceber que estamos atingindo, neste ano, um recorde igual aos maiores do Brasil na década de 70. Vamos ter um superávit da balança comercial de 10 bilhões de dólares. Ainda há quem fale que é preciso ter uma política exportadora, como se já não houvesse uma política exportadora. Ainda há quem não tenha percebido que o Brasil todo já sentiu que não basta o mercado interno, que, hoje, há uma ligação entre o interno e o externo, que, hoje, uma parte da exportação, por outro lado, se faz 40% no mercado internacional, é dentro da própria firma. E, portanto, se não houver firmas transnacionais aqui, não há exportação.

Há uma mudança de prática, como houve no tempo de Juscelino, e espero que comece a haver uma mudança na percepção da realidade. Perceber que já se está fazendo o que muitos ainda estão pensando que se deva fazer. É bom que assim seja, porque se fará quitar com mais velocidade, à medida que mais pessoas tomem consciência do que é o desenvolvimento de um país que está se modernizando e que está se integrando no processo produtivo internacional.

Nem tudo são flores, há muitas dificuldades. Não preciso nem me referir a dificuldades financeiras, que são visíveis. Há dificuldades de toda natureza. É preciso continuar numa reforma educacional, para

permitir que a tecnologia avance mais. É preciso dar mais apoio ao desenvolvimento tecnológico, uma junção entre a inovação que se faz na fábrica e a inovação que se faz na universidade. Há leis em marcha para isso. Falta muita coisa, mas o Brasil já desenhou seu futuro. E o seu futuro está presente, aqui, hoje.

Por isso, eu disse que dirigiria apenas umas poucas palavras de confraternização, a todos, sem exceção. A todos, porque o que vamos ver aqui é fruto de um trabalho de todos nós.

Vai longe o tempo em que, com alguma grosseria e certa injustiça, se dizia que nós produzíamos carroças. Não. Produzimos carros competitivos, de padrão global. A nossa indústria – e não só a automobilística, também no aço, também na questão eletrônica, também nas telecomunicações, também nos aviões –, hoje, é uma indústria que sofreu uma revolução tecnológica e que produz na vanguarda. É capaz de competir internacionalmente. É por isso que os acordos que nós já estamos fazendo com o México, com o Chile, com a América Central, com o Pacto Andino, com a Índia, com a China e com quem mais seja passam a ser essenciais. É por isso que, quando se discutir a Alca, ao invés de se ter uma visão equivocada de que lá se discute soberania, é preciso entender que lá se discute o interesse nacional. Faremos o que for necessário, como farão os que me sucederem, pensando no Brasil, mas pensando que o Brasil, para crescer, precisa de espaço. E espaço não se faz dando as costas aos mercados, espaço se faz penetrando nesses mercados e criando condições positivas para que, com os acordos feitos, se possa avançar mais. Isso foi o que nós fizemos com o México. Isso foi o que nós fizemos com a Argentina. Isso foi o que nós fizemos com o Chile. Isso é o que estamos fazendo com outros países. E isso é o que tentaremos fazer com o mundo inteiro, com a União Européia, com o Nafta, com a China, com quem seja, mas com capacidade, com determinação, com espírito público, com o sentimento do que é importante para o País e, sobretudo, com a confiança em nós próprios, que sabemos que quem faz o que nós fizemos, nesses 42 anos da indústria automobilística, não tem que ter medo do futuro, fará muito mais no futuro.

Vou contar com todo o Brasil, mas especialmente com este setor, para que nós possamos avançar mais. E o que disse o Ministro Sérgio Amaral: entrar, realmente, nesse novo século com a cabeça erguida, exportando, conscientes de que a exportação complementa a produção doméstica, que as transformações vão continuar ocorrendo no Brasil e que este país continuará no seu caminho de um futuro cada vez melhor.

Agradeço, mais uma vez, a todos, e muito obrigado.